

SAÚDE/DOENÇA MENTAL E TRABALHO: REFLEXÕES (CONTRA HEGEMÔNICAS) SOBRE ALGUMAS DIMENSÕES NEGLIGENCIADAS

MENTAL HEALTH/DISEASE AND WORK: COUNTER HEGEMONIC REFLECTIONS ON SOME NEGLECTED DIMENSIONS

René Mendes¹

¹ Médico especialista em Saúde Pública e Medicina do Trabalho. Mestre, Doutor e Livre-Docente em Saúde Pública. Professor Titular de Medicina Preventiva e Social, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG (aposentado).

Resumo: Tendo em vista a importância do problema do adoecimento mental – em geral é o relacionado ao trabalho –, três enfoques, usualmente negligenciados e, decerto, contra hegemônicos, foram abordados. Sobre o adoecimento mental, propõe-se valorizar a dimensão “espiritual”. Com relação ao Trabalho, propõe-se que ele seja visto com um novo olhar, sob a óptica da visão cristã do sentido do trabalho. Por fim, é recomendada a “reabilitação” da categoria “alegria”, no manejo dos problemas “dor” e “sofrimento” – comuns nas abordagens psicanalíticas – as quais, contudo, mostram-se limitadas para transformar a vida das pessoas, de “desertos áridos” em “prados verdejantes”.

Palavras-Chave: Saúde do Trabalhador; Sofrimento Mental Relacionado com o Trabalho; Espiritualidade; Vulnerabilidade; Resiliência.

Abstract: Taking into account the importance of the problem of mental illnesses – in general and work-related – three approaches, usually neglected and certainly counter hegemonic, were addressed. Regarding mental illness, it is proposed the valorization of the "spiritual" dimension. As regards to work, it is proposed the adoption a new perspective, by adopting the Christian vision of the meaning of work. Finally, it is stimulated the "rehabilitation" of the category "joy" in dealing with the "pain" and "suffering" problems – common in psychoanalytic approaches – which, however, are limited to transform the lives of people, from "arid deserts" into "green pastures"

Keywords: Workers' Health; Work-Related Mental Suffering; Spirituality; Vulnerability; Resilience.

Resumen: Dada la importancia del problema de la enfermedad mental – en general y el relacionado con el trabajo – tres enfoques, por lo general descuidados y, ciertamente, contra-hegemónicos, se abordaron. Acerca de las enfermedades mentales, se propone desarrollar la dimensión "espiritual". En relación al Trabajo, se propone que se pueda ver con una nueva mirada, desde la perspectiva de la visión cristiana del sentido del trabajo. Por último, se recomienda la "rehabilitación" de la categoría de "alegría" en el manejo de los problemas "dolor" y "sufrimiento" – común en los enfoques psicoanalíticos – que, sin embargo, se muestran limitados para transformar la vida de las personas de "desiertos áridos" en "pastos verdes".

Palabras clave: Salud del Trabajador; Sufrimiento Mental Relacionado al Trabajo; Espiritualidad; Vulnerabilidad; Resiliencia.

1 Introdução

"A viagem da descoberta consiste não em achar novas paisagens, mas em ver com novos olhos".
(*Em Busca do Tempo Perdido*.
Marcel Proust. 1871-1922)

Ciente e alerta para a complexidade do tema das relações entre saúde/doença mental e trabalho, este artigo foi escrito com o propósito de refletir sobre algumas dimensões que julgo correntemente negligenciadas, quando não, hostilizadas, até. Já de antemão, rotulo minhas reflexões – eventualmente enquadráveis na categoria de “ensaio” – como claramente contra hegemônicas, isto é, lançadas no contrafluxo do *mainstream* dos paradigmas e ideias hegemonicamente prevalentes entre a maioria dos pensadores, profissionais e formadores de opinião, sejam eles e elas vinculados às áreas da Saúde e Saúde Mental, ou vinculados ao campo da Saúde do Trabalhador (e da trabalhadora), incluídas as franjas de superposição com a Ergonomia, a Sociologia do Trabalho e outras áreas profissionais interessadas no mundo do Trabalho.

No tema “macro” da saúde/doença mental, minhas reflexões contra hegemônicas buscarão olhar – ainda que brevemente – o processo de adoecimento e sofrimento mental (na dimensão individual, pessoal, e na dimensão coletiva, populacional), sob a perspectiva *espiritual*, ou da *espiritualidade*. Adianto, desde já, que meu modo de abordar a dimensão *espiritual* do homem e da mulher não confunde *espiritualidade* com *religiosidade*; tampouco pretende fazer proselitismo em prol de qualquer religião, crença ou seita, porém, intencionalmente, estará vinculando essa dimensão a Deus, com o viés cristão, ainda que aberto para outros entendimentos monoteístas, como o do judaísmo.

No subtema das relações entre sofrimento, adoecimento mental e trabalho, minhas reflexões – decerto contra hegemônicas e marcadas pela brevidade e concisão – buscarão abrir espaço não apenas para um *novo olhar*, como, também, para um *novo lugar* para o Trabalho, a caminho daquilo que chamarei de “ressignificação” do sentido do Trabalho para as pessoas. Aliás, escolher o termo *pessoa* já é um tanto contra hegemônico frente aos termos *sujeito*, *indivíduo*, “eu” e outros. Mas, nisto estou bem acompanhado por muitos, com destaque para Paul Ricoeur (1913-2005), pensador político francês, admiravelmente interdisciplinar e profícuo, cristão e pacifista. (RICOEUR, 1996a; CULLETON, 2010).

Num segundo momento, como um subtema “horizontal” que perpassa a área temática da saúde/doença mental, em geral, e adentra, com especial interesse, à área das relações do sofrimento mental relacionado com o trabalho, buscarei refletir sobre uma desejável e alcançável “reabilitação” da categoria *alegria* (sobrepunjando a categoria *prazer*), na abordagem da saúde mental, em geral, e em especial, da saúde mental de trabalhadores e trabalhadoras, que têm nas condições e ambientes de trabalho agressores, principalmente organizacionais, que os tornam mais vulneráveis ao sofrimento, à doença e à incapacidade. Pouco ou quase nada se encontra na literatura filosófica e psicanalítica sobre a possibilidade da “alegria”, o que me permite tentar abrir espaços — para reflexão, pelo menos — a outros olhares e abordagens ainda “negligenciados” — como denomino. Como são provocação, ensaio e convite, dar-me-ei por satisfeito e feliz se, apesar da concisão imposta pelo tipo de publicação, minhas reflexões provocarem, pelo menos, a abertura, o interesse e a curiosidade para o aprofundamento das indagações filosóficas, deixando, quiçá, a categoria de ‘temas negligenciados’, para se tornar temas apropriados, experimentados e vividos no cotidiano experiencial de todos e todas!

2 A questão “espiritual” na abordagem do sofrimento mental

Parto da constatação de que as diversas expressões de sofrimento mental não somente afetam significativa parcela da população, em geral, como sua ocorrência está aumentando no mundo inteiro, com prognósticos oficiais de que elas se tornarão, nas próximas décadas, um dos principais problemas de Saúde Pública, com efeitos devastadores¹ (STEEL, MARMANE, IRANPOUR et al, 2014; REMES, BRAYNE, van der LIDE, LAFORTUNE, 2015). O mesmo — ou ainda pior — ocorre no mundo do trabalho, entre trabalhadores e trabalhadoras (BRANT e MINAYO-GOMEZ, 2008; ACOEM, 2009; GLINA e ROCHA, 2010; SELIGMANN-SILVA, 2011; LEÃO e BRANT, 2015).

Devido à sua complexidade e relativa imprecisão, referi-me a um ‘guarda-chuva’ que abriga “diversas expressões de sofrimento mental”, e que também têm recebido diversas denominações, talvez mais no campo das ciências humanas — da Filosofia e da Sociologia, em especial — do que no campo da Saúde, propriamente dito, nele incluídos os olhares da Psicologia, da Psiquiatria, da Neuropsiquiatria, da Psicanálise, entre outros (DALGALARRONDO, 2010).

Com efeito, Sigmund Freud entendeu que

“poetas e romancistas são nossos preciosos aliados, e seu testemunho deve ser altamente estimado, pois eles conhecem muitas coisas entre o céu e a terra com que nossa sabedoria escolar não poderia ainda sonhar. Nossos mestres conhecem a psique porque se abeberaram em fontes que nós, homens comuns, ainda não tornamos acessíveis à ciência” (citado por DALGALARRONDO, 2000).

Ressalte-se ser recorrente na produção filosófica, na produção teológica e nas artes – literatura, pintura, música, cinema, teatro e outras expressões artísticas – o tema do *sofrimento humano*, termo que até prefiro em lugar de *sofrimento mental*, dada a indivisibilidade do ser humano. “*Se uma parte do corpo sofre, todas as partes do corpo sofrem com ela*” é o ensinamento bíblico, segundo São Paulo², que eu aplicaria aqui à *pessoa* e ao *corpo da sociedade*.

De fato, não caberia nesta breve reflexão listar as centenas – quiçá milhares – de manifestações da questão do sofrimento humano – com expressões ditas mentais ou psíquicas e com diferentes denominações – desde a Antiguidade, entre as quais destacamos algumas extremamente emblemáticas e preocupantes, posto que em franca ascensão. Veremos apenas alguns exemplos.

Assim, de Sigmund Freud (1856-1939), encontraremos a questão sob o título de *Mal-estar na civilização*, publicado em 1929. Para Freud, é o próprio processo de civilização que traz em si os germes desse mal-estar. Pois a civilização transforma as pulsões dos homens em aspirações (sociais, culturais, intelectuais) que ela, tampouco, permite satisfazer. Daí o sentimento de frustração, decepção e desajuste, comum a todos os homens (FREUD, 1974; HUISMAN, 2000).

Em Albert Camus (1913-1960), encontraremos o sofrimento humano sob um continuado e insistente questionamento do *absurdo*, em praticamente todas as suas obras, com destaque para *O Mito de Sísifo*, publicado em 1942. “Depois de examinar a obra de Proust e de Nietzsche, depois de examinar a literatura russa em seu aspecto **nilista** e revolucionário... A única maneira de viver é aceitar nossa humanidade tal qual é, ou seja, **fragmentária e atormentada** em seu ser”, comenta Denis Huisman, a propósito do livro *O Homem Revoltado*, publicado por Camus, em 1951 (CAMUS, 1997; HUISMAN, 2000; CAMUS, 2014, negritos introduzidos).

Mais de 60 anos após Freud, os pensadores franceses Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, em seu livro *Terra-Pátria*, voltaram a utilizar, dentro do capítulo “A agonia planetária”, o termo “mal-estar ou mal da civilização”, propondo explicações causais para o sofrimento humano atual. Em suas

MENDES, R. *Saúde/doença mental e trabalho: reflexões (contra hegemônicas) sobre algumas dimensões negligenciadas*. R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 04-26, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

tentativas para explicar o *sofrimento humano*, eles incluem o entendimento de que

“a degradação das relações pessoais, a solidão, a perda das certezas ligadas à incapacidade de assumir a incerteza, tudo isso alimenta um mal subjetivo cada vez mais difundido. Como esse **mal das almas** se oculta em nossas cavernas interiores, como ele se fixa de forma psicossomática em insônias, dificuldades respiratórias, úlceras do estômago, **desassossegos**, não se percebe sua dimensão civilizacional coletiva, e vai-se consultar o médico, o psicoterapeuta, o guru”, explicam os autores. (MORIN e KERN, 1995 – Negritos introduzidos)

Do sociólogo francês contemporâneo Alain Ehrenberg, encontraremos o problema sob o título de *La fatigue d'être soi: dépression et société*, (“o cansaço de si mesmo: depressão e sociedade”), de 1998. Ele tenta explicar a dificuldade de ser si mesmo. Com o declínio das instituições que impunham normas e valores, o indivíduo se viu “senhor do seu destino”, isto é, tornou-se o único responsável pelo êxito de sua vida, mas nem sempre dispõe de uma orientação clara, para saber que rumo tomar. Por essa mesma razão, ele tem de assumir a responsabilidade pelos seus fracassos. Para o autor, uma nova patologia nasce das injunções permanentes de encontrar em si mesmo as motivações da própria ação: o esgotamento psíquico e a depressão. Enquanto as sociedades gerenciadas pelas normas produzem patologias da culpabilidade, como as neuroses, uma sociedade fundada na solicitação permanente de si mesmo provoca, por sua vez, a depressão, movimento que é acompanhado pelo recurso às drogas (antidepressivos, tranquilizantes etc.), a fim de superar os momentos de desespero (DORTIER, 2010).

Do filósofo coreano e alemão Byung-Chul Han, encontraremos o sofrimento humano tratado como *Sociedade do Cansaço*, título de livro publicado na Alemanha, em 2010, e entre nós, em 2015. O autor, professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlin, dedica um capítulo específico ao “tédio profundo” da sociedade atual, numa referência ao ensaísta, crítico literário, filósofo e sociólogo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que teria se utilizado deste conceito (HAN, 2015).

Para completar esta “panorâmica” inicial, de como o *sofrimento mental* (que já amplo para *sofrimento humano*) tem sido denominado, travestido, e tentativamente explicado, o filósofo italiano Giovanni Reale (1931-2014), em uma de suas obras mais recentes, intitulada *O Saber dos antigos: terapia para os tempos atuais* (escrita em 1995), identifica o niilismo³ como “a raiz dos males do homem de hoje”. E o faz evocando as obras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Para Giovanni

Reale, a carência de ideais, a perda dos valores supremos, a ausência de Deus como lugar dos valores mais elevados “é exatamente o niilismo que Nietzsche descreveu de modo quase perfeito”, inclusive “aquele ‘assassinato de Deus’ de que Nietzsche fez questão de se vangloriar”, completa o filósofo italiano, referindo-se, por certo, ao 3º capítulo (item 125) da obra *Gaia Ciência*, escrita em 1882, e a vários *Fragments Postumos*, que produziram grande impacto na sociedade (REALE, 2014; NIETZSCHE, 2013).

O encadeamento de alguns dos diversos modos de descrever o sofrimento humano aponta para a necessidade de, brevemente, salientar como o mundo tem buscado aliviar o sofrimento, principalmente aquele mais profundo e invisível: o sofrimento mental. Já se fez referência, há pouco, à “medicalização” – expressão que utilizo no duplo sentido de buscar cuidados paliativos de natureza médica (psiquiátrica, talvez), como no de utilizar medicamentos, como antidepressivos e tranquilizantes, entre outros – e este é o momento de também destacar os esforços de distintas estratégias psicoterápicas, bem como da Psicanálise. “Freud explica” tornou-se um jargão popular irreverente e de bom humor, mas parece que para grande parte dos problemas de sofrimento humano, as explicações freudianas (e lacanianas) não são suficientes para lidar com o *sofrimento humano*, em suas formas mais devastadoras. Foge, porém, do escopo destas reflexões aprofundar-me na crítica à insuficiência da Psicanálise (freudiana e suas derivações), até porque, outros têm feito com mais proficiência (RICOEUR, 1977; FONTES, 2014).

A título de exemplo, e considerando a relativa contemporaneidade do psiquiatra italiano Roberto Assagioli (1888-1974) com Sigmund Freud (1856-1939) e com Carl Gustav Jung (1876-1961), destaco o desenvolvimento da assim chamada “**Psicossíntese**”⁴, institucionalizada por Assagioli. Sua perspectiva psicológica e psicoterapêutica tentava levar em conta todos os aspectos da condição humana – mental, físico, emocional e espiritual – integrando-os em um Todo (ASSAGIOLI, 1982; ROUDINESCO e PLON, 1998). Consta que em uma entrevista por Sam Keen em *Psychology Today*, em dezembro de 1974, Assagioli responde à pergunta sobre as principais diferenças entre a Psicanálise e a Psicossíntese, nos seguintes termos:

“Damos muito mais atenção ao inconsciente do que para o desenvolvimento do Eu Transpessoal. Freud disse, em uma de suas cartas: ‘Estou interessado apenas no porão do ser humano.’ A Psicossíntese está interessada em todo o edifício. Tentamos construir um elevador que permitirá a uma pessoa acesso a todos os níveis da sua personalidade. Afinal de contas, um edifício com apenas um porão

é muito limitado. Queremos abrir o terraço, onde você pode tomar sol ou olhar para as estrelas”.⁵

Fazemos referência, ainda, ao **“psicodrama”** e à **“terapia em grupo”** e **“sociodrama”**, desenvolvidos a partir das contribuições pioneiras de Jacob Levy Moreno (1891-1974), médico, psicólogo, filósofo e dramaturgo nascido na Romênia, crescido na Áustria e naturalizado norte-americano (ROUDINESCO e PLON, 1998; MORENO, 1999; SCHMIDT, 2010).

Contudo, apesar da inegável importância de todas essas contribuições, nelas incluídas as do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1876-1961), com sua “psicologia analítica” (entre outras contribuições), é preciso admitir que se as “causas das causas” do sofrimento mental, melhor dito, do *sofrimento da pessoa humana*, como um todo, são de natureza existencial, do vazio interior, faz-se necessário (re)abordá-las melhor. É para ocupar este espaço sem fim que caberia considerar entre as “dimensões negligenciadas”, a que está sendo aqui analisada, ou seja, a **“abordagem espiritual”**.

Este movimento na direção da **“dimensão espiritual”** tem sido analisado por alguns cientistas sociais, sob a perspectiva dialética da “ressacralização⁶” de algo que havia sido “secularizado”, a partir do Iluminismo e do Idealismo alemão (período da história da Filosofia ocidental que o filósofo espanhol Julian Marías (1914-2005) identificou como “o afastamento de Deus” das indagações filosóficas...), até o “pessimismo”, “niilismo”, o “existencialismo” e a impregnação da “teoria crítica”⁷ em todas as áreas e campos, quando, então, mais do que tentar retirar Deus do cenário, buscou-se “matá-lo”, hostilizá-lo, combatê-lo, isto é, promover oposição deliberada contra Ele... Diversos pensadores entendem que esse período foi fortemente influenciado pelos que Paul Ricoeur rotulou como a “tríade dos mestres da suspeita”: Karl Marx (1818-1883), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Sigmund Freud (1856-1939) (RICOEUR, 1996a; PELLAUER, 2009; ZEPEDA, 2010).

Nesse sentido, destaca-se, também, a contribuição do sociólogo e teólogo austro-americano Peter Ludwig Berger, materializada em uma de suas múltiplas obras, esta provocativamente intitulada *Rumor de Anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Para Berger, a “redescoberta do sobrenatural” seria uma tendência atual, em contraposição ao narrado no 1º capítulo de seu livro, sob o título de “a suposta morte do sobrenatural” (BERGER, 1996).

Cabe aqui dar destaque ao contexto brasileiro, em cuja produção literária e acadêmica, no campo da Psiquiatria e Psicologia, vem sendo abertos espaços para a “reabilitação” da dimensão espiritual na abordagem do adoecimento humano, com ênfase no adoecimento mental ou psíquico. Com efeito, menciono, entre outras, a obra do atual professor de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, em Campinas – SP, Paulo Dalgalarro, intitulada *Religião, Psicopatologia e Saúde Mental*, publicada em 2008. Ou a obra dos professores Francisco Lotufo Neto, Zenon Lotufo Júnior e José Cassio Martins, intitulada *Influência da Religião sobre a Saúde Mental*, publicada em 2009. Saliente-se que o prof. Lotufo Neto é psicólogo e médico psiquiatra, com doutorado e livre-docência na Faculdade de Medicina da USP, onde é professor Associado e Chefe do Departamento de Psiquiatria. Os outros autores são psicólogos, teólogos e pastores presbiterianos independentes. O prof. Joel Sales Giglio, professor de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, também músico e musicólogo, é conhecido por seus estudos sobre a importância da dimensão espiritual no manejo do adoecimento, em suas diferentes expressões físicas e psíquicas. Com efeito, essas surpreendentes informações foram objeto de interessante trabalho intitulado *Saúde mental, religião e espiritualidade na trajetória acadêmica de três psiquiatras brasileiros (1968-1999)*, e confirmam a atualidade e crescimento do movimento de valorização da dimensão espiritual e da fé, no entendimento e manejo do sofrimento humano, principalmente o rotulado como “mental” ou “psíquico” (DIAS e SILVA, 2015).

Ousaria afirmar que, atualmente, em determinados meios acadêmicos brasileiros (assim como no exterior) essa abertura é extremamente animadora, a qual, longe de ser um “retrocesso” – como alguns críticos a consideram – é consentânea com a diversidade, a liberdade, e, principalmente, com a necessidade de ampliar o leque de olhares, abordagens e enfoques, frente a tão complexos problemas determinantes, associados ou decorrentes do *sofrimento humano*, em suas multiformes expressões, para os quais outras abordagens – como a psicanalítica, por exemplo – vêm sendo incapazes de apreender e oferecer soluções eficazes.

3 As relações entre saúde/doença mental e trabalho sob um novo olhar: a possibilidade da resignificação do sentido do Trabalho para as pessoas

É importante que se inicie esta seção, destacando a relevante contribuição do Trabalho, enquanto *promotor e determinante de saúde* da

pessoa que trabalha, amplificado e potencializado no nível coletivo, social e econômico.

No nível individual, como bem destaca o professor Oscar Betancourt – uma das lideranças mais lúcidas da Saúde Pública e Saúde do Trabalhador na América Latina – o trabalho sempre foi essencial ao ser humano. Ele permitiu o desenvolvimento e a transformação da humanidade. Até nas condições mais precárias, o trabalho pode proporcionar esses resultados. Para este autor, o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais e emotivas surge ao se realizar uma atividade, ao dominar um meio de trabalho determinado, ao relacionar-se com seus companheiros, ao transformar o objeto em produto e ao oferecer um serviço (BETANCOURT, 1999).

Existem tarefas que, por suas características de riqueza e diversidade, permitem o desenvolvimento de capacidades físicas ou mentais profundas. Igualmente, as atitudes de solidariedade e companheirismo criam um ambiente agradável de trabalho. As relações harmônicas são uma condição importante para o bem-estar. Como bem destaca o autor:

“... é necessário reconhecer e detectar estas qualidades do trabalho para proporcioná-las na hora de executar os programas de saúde dirigidos aos trabalhadores.” (BETANCOURT, 1999)

De igual maneira, nas pessoas não existem tão somente manifestações que refletem problemas de saúde, prossegue o autor. Ao contrário, múltiplas qualidades, capacidades e valores do ser humano expressam-se no trabalho e na vida extra laboral, constituindo o que o mesmo autor denomina “manifestações positivas”. É possível que surja sensação de bem-estar, realização plena, alegria, desenvolvimento e exercício dos valores característicos do ser humano, como solidariedade, companheirismo, amizade com os companheiros e companheiras de trabalho. Além disso, capacidade física para o trabalho, desenvolvimento muscular, níveis altos de rendimento cardiopulmonar, habilidades e destrezas, capacidade de realizar as atividades sem dificuldade são algumas das expressões positivas que se deve tomar em conta, para sua promoção (BETANCOURT, 1999).

Nessa mesma linha, citamos aqui os professores franceses Christophe Dejourn e Elisabeth Abdoucheli, quando, no percurso da Psicopatologia do Trabalho à Psicodinâmica do Trabalho, defendem a *centralidade psíquica do trabalho*, afirmando, entre outros trechos, que:

“o trabalho revela-se como um mediador privilegiado, senão único, entre inconsciente e campo social e entre ordem singular e ordem coletiva. (...) O trabalho não é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, ele é também um espaço de construção do sentido e, portanto, de conquista da identidade, de continuidade e historização do sujeito. Dessa forma, ao lado da economia das relações amorosas, a dinâmica das relações sujeito-organização do trabalho poderá ocupar um lugar significativo no processo de reapropriação e de emancipação de um homem sempre em luta contra a ameaça de tornar-se doente, sempre em luta para conservar sua identidade na normalidade, sempre em busca de ocasiões para trazer uma contribuição original à construção social, num movimento que (...) parece tão essencial quanto aquele que anima sua demanda de amor.” (DEJOURS e ABDOUCHELI, 1994; LANCMAN e SZNELWAR, 2004).

Para Christophe Dejours, que utiliza o termo *trabalhar*, como se diz *viver, comer*, com isso atribuindo, assim, também um valor antropológico,

“Trabalhar – seja em uma atividade assalariada, seja em uma beneficente, doméstica ou profissional, manual ou de chefia, no setor público ou no privado, industrial ou de serviço, de agricultura ou de comércio – trabalhar é mobilizar o seu corpo, a sua inteligência, a sua pessoa, para uma produção, revestindo valor de uso.” (DEJOURS, citado por MOLINIER, 2013).

Texto mais recente, do mesmo autor, é sugestivamente intitulado *Trabalho e Emancipação*, de profunda riqueza (DEJOURS, 2012).

Com discretas variações de entendimento e proposta, assim alinha-se também Yves Clot, professor de Psicologia do Trabalho no *Conservatoire National des Arts et Métiers* (CNAM) em Paris, traduzido em sua obra *A Função Psicológica do Trabalho* (CLOT, 2007).

Gostaria de destacar, contudo, a importância das críticas a essas abordagens, razão pela qual recomendo a leitura do erudito e elaborado texto da profa. Maria Elizabeth Antunes Lima, psicóloga e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (LIMA, 2002).

Saliente-se que essas reflexões de estudiosos do Trabalho – enquanto promotor e determinante de Saúde – alinham-se com o princípio constitucional fundante da ordem econômica e financeira do Brasil, como preconizado pela Constituição Federal: “a ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social...” (Art. 170

da CF, grifos introduzidos). Existência e dignidade, inseparáveis. Com efeito, este princípio, de aplicação individual e coletiva, está em linha com o que preconiza o Art. 196 da CF, ao vincular o direito universal à Saúde ao dever do Estado de garantir “políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos”, além do acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Decerto, essas políticas se expressam – ou deveriam se expressar – pelo direito de acesso ao trabalho, base da economia. Aliás, o supracitado Art. 170 da CF é complementado por vários “princípios” – neles incluídos o Inciso VIII – relativos à “busca do pleno emprego”. Permanece a dúvida se se trata do “pleno emprego”, ou da “busca do pleno emprego”, posto que nos dias atuais tem se tornado mais comum a busca do que o emprego propriamente dito...

O Art. 196 da CF e os que se seguem são fundantes, também, da Lei Orgânica da Saúde (Lei Nº 8.080/90), a qual, no seu Art. 3º reforça o conceito de que

“a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais.” (grifos introduzidos)

Assim, além de “promotor da saúde”, o Trabalho constitui-se, também, segundo a Lei da Saúde, em um dos “fatores determinantes e condicionantes” da saúde. Num primeiro nível – por certo – como meio de “ganhar a vida”, economicamente falando, – “renda” segundo alguns entendem – porém, embora essencial, literalmente vital, o papel do Trabalho sobre a vida das pessoas não se esgota nessa dimensão.

Saliente-se, também, que não é qualquer trabalho, pois então o meio de ganhar a vida pode se tornar um meio de perdê-la... Seja pela morte precoce, seja pela incapacidade, seja pela doença, seja pelo sofrimento. A vida pode ser perdida de muitas formas...

A partir dessa plataforma elevada e relativamente consensual, gostaria de estender a mira de alcance de nosso olhar para dimensões ainda mais ousadas, que permitissem – quiçá – *reconfigurar o significado do Trabalho*, já utilizando ingredientes de “transcendência” (não do Trabalho, propriamente dito, mas *da Vida e na vida* das pessoas, aqui e agora), isto é, para além da eventual “emancipação” que o Trabalho ajuda a fazer; para além das funções psicológicas positivas; para além do muito estudado significado psicodinâmico; para além – por fim – da relevância econômica e social, anteriormente salientada.

Faço-o, não com ingenuidade, mas muito atento às justas advertências tão bem elaboradas pelo filósofo e teólogo Élio Estanislau Gasda, professor de Ética Teológica e Social na Faculdade Jesuíta (FAJE), em Belo Horizonte, publicitadas através de duas recentes obras: *Trabalho e Capitalismo Global: atualidade da doutrina social da Igreja*, e *Cristianismo e Economia: repensar o trabalho além do capitalismo*, que aqui recomendo para leitura e reflexão (GASDA, 2011; GASDA, 2014).

Faço-o, também, anunciando de antemão, que, embora cristão protestante, recebo com algumas reservas o entusiasmo calvinista pelo trabalho, seja da forma como analisou o intelectual, jurista e economista alemão Max Weber (1864-1920), em seu clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (escrito em 1904), seja na forma como reanalisou o economista e teólogo suíço André Biéler (1914-2006), em sua obra *O Pensamento Econômico e Social de Calvino* (escrito em 1959). (BIÉLER, 1990; WEBER, 2004; MERCURE e SPURK, 2005).

Com essas ressalvas e alertas, avançarei em minha proposta de **“ressignificação do trabalho”**, lembrando, em primeiro lugar, o documento *Gaudium et Spes*⁸ sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo (constituição pastoral e a 4ª das constituições do Concílio Vaticano II, promulgada pelo Paulo VI, em 1965), quando em seu parágrafo 34, assim preconiza:

“... os homens e as mulheres que, ao ganhar o sustento para si e suas famílias, de tal modo exercem a própria atividade que prestam conveniente serviço à sociedade, com razão podem considerar que **prolongam com o seu trabalho a obra do Criador**, ajudam os seus irmãos e dão uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história” (GAUDIUM ET SPES, 1965⁹ – negrito introduzido).

Relembro, em segundo lugar, as palavras do Papa João Paulo II (1920-2005), em sua *Carta Encíclica Laborem Exercens Sobre o Trabalho Humano* (1981), item 25, sobre a “participação na obra do Criador”, a saber:

“... o homem, criado à imagem de Deus, **participa mediante o seu trabalho na obra do Criador** e, em certo sentido, **continua**, na medida das suas possibilidades, a **desenvolvê-la** e a **completá-la**, progredindo cada vez mais na descoberta dos recursos e dos valores contidos em tudo aquilo que foi criado.” (PAPA JOÃO PAULO II, 1981 – negritos introduzidos)

Por certo, gosto muito desta interpretação bíblica que vê o trabalho não como “castigo” ou “punição”, antes, como “**participação na obra do Criador**”. Quanta beleza nesse conceito!

Ressalte-se, contudo, que “o trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho”, prossegue a Carta Encíclica. Por fim, é lembrado, que “hoje, mais do que nunca, trabalhar é um trabalhar **com** os outros e um trabalhar **para** os outros: torna-se cada vez um fazer qualquer coisa para alguém”, prossegue João Paulo II, citando, também, sua *Carta Encíclica Centesimus Annus*, de 1991 (PAPA JOÃO PAULO II, 1991).

Dir-se-á que isto é *utopia*, mas também de utopias vivem o homem e a mulher, sobretudo quando as utopias possuem bases de *transcendência*, e não são apenas *sonhos de uma noite de verão*... Será sempre necessário, mesmo assim, que haja utopias; que haja sonhos (principalmente os diurnos); que haja noites, e que haja verão...

4 Ao invés da “dor e sofrimento”, reabilitar (e viver) a categoria “alegria”

No trabalho, ou fora dele, prevalecem a tristeza, o pessimismo, o sentimento de solidão, o desespero, possíveis expressões e roupagens do *sofrimento mental*, quase sempre *sofrimento da “alma”*, com níveis variados de profundidade, de extensão, de duração, e mesmo de *dor*. Vimos na primeira parte destas reflexões que, na maior parte das vezes, o sofrimento tem formatações imprecisas, mais subjetivas que objetivas, até na sua denominação. Com efeito, o sofrimento foi denominado de “mal-estar”, na obra clássica do psiquiatra e psicanalista Sigmund Freud, escrita em 1929, e por ele localizado ou associado à “civilização”, segundo a tradução em Português, e que talvez pudesse ter sido traduzido como “cultura”, termo alternativo para a palavra alemã “*Kultur*”, por ele utilizada (FREUD, 1974). O sociólogo e pensador polonês Zygmunt Bauman analisou o “mal-estar” na era da “pós-modernidade” (BAUMAN, 1998)¹⁰. O sociólogo francês Alain Ehrenberg rotulou como “cansaço” ou “fadiga”, e o localizou no “si mesmo”, tanto sede quanto causa do sofrimento, o qual se expressaria em “depressão” (DORTIER, 2010). O filósofo coreano e alemão Byung-Chul Han rotulou como “cansaço” e o localizou na “sociedade” (HAN, 2015). E assim poderíamos prosseguir.

Contudo, além de questionarmos a *razão de ser* de tanto sofrimento humano, caberia perguntar se ele é *inerente, essencial, intrínseco* à natureza humana – como a maioria dos “existencialistas” tende a ver – ou,

MENDES, R. *Saúde/doença mental e trabalho: reflexões (contra hegemônicas) sobre algumas dimensões negligenciadas*. R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 04-26, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

se existe alguma possibilidade de mudança, e se faz sentido buscá-la? Estas questões aplicam-se, também, ao sofrimento mental (e integral) *relacionado ao trabalho*, tão bem estudado por centenas de profissionais e pensadores competentes, no exterior e em nosso país. No momento, exemplifico essa galeria de estudiosos do sofrimento mental no trabalho por meio de uma das decanas desse tema no Brasil, a respeitável médica, psiquiatra, psicanalista e professora Edith Seligmann-Silva, autora de vasta obra, e aqui tomando como qualificada amostra o seu recente livro *Trabalho e Desgaste Mental: o direito de ser dono de si mesmo*. (SELIGMANN-SILVA, 2011)

Por certo, muitas são as tentativas de encontrar respostas a essas perguntas, seja em caráter mais ampliado, seja no que se refere ao mundo do trabalho, aos trabalhadores e às trabalhadoras. A referida autora, no início de sua obra, identifica ao menos 12 “disciplinas que confluem para o campo da saúde mental relacionada ao trabalho”:

- (i) psicopatologia geral e psiquiatria clínica;
- (ii) psicologia do trabalho;
- (iii) psicanálise;
- (iv) psicodinâmica do trabalho;
- (v) psicossomática;
- (vi) ergonomia;
- (vii) organização do trabalho;
- (viii) psicologia social;
- (ix) sociologia e antropologia do trabalho;
- (x) saúde do trabalhador e outras abordagens relacionadas ao trabalho;
- (xi) epidemiologia e
- (xii) neurologia clínica e neurociência.

Decerto, muita riqueza e abundância de olhares, abordagens, profissões, disciplinas, ferramentas e propostas preventivas ou corretivas do sofrimento mental (e integral) relacionado ao trabalho! Porém, a leitura pode ser exatamente oposta, isto é, quantas tentativas de lidar com a complexidade do sofrimento mental (e integral) no mundo do trabalho – e fora dele –, mas, ao mesmo tempo, quanta escassez e pobreza de resultados satisfatórios para as pessoas.

Quero crer que essa dificuldade começa na própria Filosofia, de um modo geral prolífera em produções sobre o tema *sofrimento* – haja vista a produção de Arthur Schopenhauer (1788-1860); de Soren Kierkegaard (1813-1855), de Martin Heidegger (1889-1976) e de Jean-Paul Sartre (1905-1980), entre outros – e muito pobre em matéria de *alegria*, embora com escassa presença da categoria *prazer*. Mesmo assim, como bem

adverte Nicola Abbagnano, muitas vezes apenas na versão negativa, onde “prazer é simplesmente a ausência de dor” (ABBAGNANO, 1998). Porém, nem sempre “prazer” é sinônimo de “bem estar”, “alegria”, “satisfação”, “contentamento”, pondera José Ferrater Mora (MORA, 1996).

No que se refere ao mundo do Trabalho, nota-se, também o mesmo fenômeno. Emblematicamente, uma das melhores obras recentes sobre a história do Trabalho, denomina-se *Sangue, Suor e Lágrimas: a evolução do trabalho* (DONKIN, 2003). Assim o é, também, no campo mais específico da Saúde do Trabalhador, do qual me abstenho de citar exemplos, para evitar mal entendidos.

Contudo, citarei apenas um exemplo, onde a questão não é absolutamente pessoal, mas vinculada ao paradigma de referência utilizado. Com efeito, no livro *O Sujeito no Trabalho: entre a saúde e a patologia* (MERLO, MENDES e MORAES, 2013), encontra-se, logo no início, um capítulo intitulado *Dor e Sofrimento na Contemporaneidade: uma leitura psicanalítica do campo do trabalho*, escrito pelo conhecido psicanalista e professor Joel Birman (BIRMAN, 2013).

Pois bem. Verifica-se rica análise introdutória do que o autor identifica como principais traços marcadores da “contemporaneidade” x “modernidade”, a saber:

- (i) precariedade e mundialização;
- (ii) liberalismo e neoliberalismo;
- (iii) unidade, multiplicidade e exceção;
- (iv) racismo e eugenia, e
- (v) predação, risco e criminalização.

Em seguida, o autor dedica-se a analisar o tema do “mal-estar na modernidade e alteridade” em leituras psicanalíticas, especialmente freudianas. Contudo, para não iniciados nessa área – como eu –, é frustrante verificar as explicações para o fenômeno *dor* e *sofrimento*, que são as únicas alternativas aparentemente “tautológicas”, isto é, *sofrimento* e *dor* seriam dois isômeros que coexistem em mútua transformação de um em outro, e do outro em um... Se não, vejamos:

“Porém, o que passou a caracterizar o mal-estar na contemporaneidade, que se evidencia também na **dor** presente nos processos do trabalho, é a impossibilidade da **dor** em ser efetivamente subjetivada como **sofrimento**. (...) existe uma crise da alteridade na contemporaneidade, de forma que a **dor** se vê impossibilitada de ser transformada decisivamente em **sofrimento**. Nesta perspectiva, ao não poder se transformar em **sofrimento**, pela impossibilidade alteritária, a força

pulsional busca outras formas de descarga para a sua excitabilidade. Assim, o mal-estar não assume formas interiorizadas e conflitivas, como nos tempos da modernidade, mas se manifesta no registro do corpo, da ação, e da intensidade, onde a força da pulsão se descarrega efetivamente de maneira direta e brutal. (...) Com efeito, se a conflitualidade psíquica era a marca paradigmática do mal-estar na modernidade, as produções psíquicas centradas no corpo, na ação e nas intensidades passaram a caracterizar o mal-estar na contemporaneidade. Nestes termos, o registro da **dor** passou a ser predominante, suplantando o anterior registro do **sofrimento**, que era dominante anteriormente.” (BIRMAN, 2013 – negritos introduzidos)

Penso que ambas as alternativas – sofrimento ou dor – não são muito animadoras, e que haveriam que ser buscadas alternativas mais positivas, as quais – não sei – se a Psicanálise freudiana (e suas derivações) – entre outras áreas e abordagens – realmente dá conta de prover respostas mais satisfatórias, capazes de, por exemplo, ajudar a promover um percurso dos secos desertos do “sofrimento” e “dor”, para os prados verdejantes da “alegria”. Daí, prosseguir minha busca de alternativas não apenas “negligenciadas”, como, também, “contra hegemônicas”, ambos os termos utilizados no título deste breve artigo...

Aliás, retomando a metáfora que adotei há pouco – percurso dos secos desertos do sofrimento e dor para os prados verdejantes da alegria – introduzo, aqui, uma das mensagens mais lindas e profundas, recentemente escritas pelo Papa Francisco, em sua *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho*, como segue:

“É verdade que, em alguns lugares, se produziu uma “desertificação” espiritual, fruto do projeto de sociedades que querem construir sem Deus ou que destroem as suas raízes cristãs. (...) A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. *Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria.*” (PAPA FRANCISCO, 2013)

Já próximo de encerrar minhas reflexões, e com intenção de melhor analisar a possibilidade real da **utopia da alegria**, gostaria de retroceder mais de 40 anos, e transcrever pequeno trecho da *Exortação Apostólica* de Paulo VI (1975) *Gaudete in Domino – Sobre a Alegria Cristã*, a saber:

“... a sociedade técnica teve a possibilidade de multiplicar as ocasiões de prazer; no entanto, ela encontra dificuldades grandes no engendrar também a alegria. Porque **a alegria tem outra origem.** Com frequência, o dinheiro, a saúde e a segurança material não faltam, no entanto, o tédio, a aflição, a tristeza formam

parte, infelizmente, da vida de muitos. Isto chega, às vezes, até à angústia e o desespero, que nem a aparente despreocupação nem o frenesi do gozo presente o os paraísos artificiais conseguem evitar". (PAPA PAULO VI, 1975 – negritos introduzidos)

Termino esta seção, com a lembrança da quase consensual etimologia da palavra "**entusiasmo**", a qual teria nascido do grego *entheos*, *enthous*, literalmente "Deus em nós", ou "Deus interior". O verbo grego *enthousiazerein* significaria "ser inspirado por um deus", ou "transporte divino" (WEBSTER, 1995). Se para os gregos, deuses havia muitos, ainda lhes faltava, contudo, conhecer o Deus único (com iniciais maiúsculas), a quem eles, por via das dúvidas e por lhes faltar intimidade com Ele, erigiram um altar no *Areópago* ateniense, dedicando-o ao "deus desconhecido". Torná-lo conhecido de todos foi a notável missão de São Paulo em Atenas¹¹, e, de certa forma, eu gostaria de fazê-lo também, na qualidade de pensador cristão, e que aqui compartilha suas inquietudes e percepções a respeito do desafiador tema do *sofrimento humano*, em especial aquele que impacta trabalhadores e trabalhadoras, sobretudo quando produzido ou agravado pelas condições e ambientes de trabalho.

5 Síntese e considerações finais

Partindo, em primeiro lugar, da constatação de que o *sofrimento mental* em geral – que estendi intencionalmente para *sofrimento humano* (indissociável do *todo*) – e o relacionado com o trabalho, são, atualmente, problemas de grande magnitude e em ascensão; e, em segundo lugar, partindo do questionamento sobre a eficácia das abordagens hoje prevalentes e "hegemônicas", utilizadas no manejo do sofrimento em ambas as dimensões – geral e no/do trabalho – formulei, ao longo do texto, algumas indagações, objetivando abrir espaço de reflexão sobre abordagens que julgo ainda negligenciadas.

Mesmo ciente de me situar no contrafluxo do *mainstream* hegemônico, em termos de paradigmas de abordagem, minhas provocações – convites, talvez – são para que se abra espaço para a questão "espiritual" na abordagem do sofrimento mental; para que o *sentido do Trabalho* possa ser visto com novos olhares, "ressignificado" à luz de uma perspectiva cristã e, por último, para que a categoria "alegria" seja reabilitada no enfrentamento das categorias "dor" e "sofrimento", necessariamente referenciada à abordagem "espiritual", tratada na primeira parte do texto.

Considero, portanto, que a adoção destas abordagens ainda negligenciadas, mas perfeitamente possíveis – as quais rotulo como

necessárias e desejáveis – poderá contribuir para reduzir a *vulnerabilidade* e aumentar a *resiliência* das pessoas, com espectro que vai da promoção da saúde; passa pela prevenção do adoecimento mental (relacionado ou não com o trabalho), em todas as suas complexas expressões, e potencializa o sucesso de outras intervenções terapêuticas, favorecendo, também, a possível reinserção social e no trabalho, daqueles que adoeceram e se incapacitaram. Não se trata de solução mágica nem única, mas essencial, ao lado de outros esforços na mesma direção.

Concluo, reiterando minha abertura para debate no campo das ideias – razão pela qual estou aqui – reforçando que o faço como profissional e como pensador, totalmente despojado de propósitos de proselitismo em favor de alguma religião, crença ou seita, pensando, porém, na possibilidade de tornar real e acessível para o bem comum – de todos e de todas – algo vital, que, de longe, ainda parece utopia, miragem ou abordagem *démodé*.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. [Tradução de Alfredo Bosi] p. 786-787.

ACOEM. American College of Occupational and Environmental Medicine. Depression in the Working Population: position statement (2009). Disponível na Internet: <https://www.acoem.org/DepressionInWorkingPopulation.aspx> (Acesso em 31/8/2016)

ASSAGIOLI, R. **Psicossíntese**: manual de princípios e técnicas. São Paulo: Editora. Cultrix, 1982.

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. [Traduzido por Luís Carlos Fridman]

BERGER, P. L. **Rumor de Anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2ª. ed. rev. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. [Tradução de Waldemar Boff e Jaime Clasen]

BETANCOURT, O. **Salud y Seguridad en el Trabajo**. Quito: OPS/ OMS-FUNSA, 1999. p.44-5.

BIÉLER, A. **O Pensamento Econômico e Social de Calvino**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. [Tradução de Waldyr Carvalho Luz]

BIRMAN, J. **Dor e Sofrimento na Contemporaneidade**: uma leitura psicanalítica do campo do trabalho. In: MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M.; MORAES, R. D. M. (Orgs.) – O Sujeito no Trabalho: entre a saúde e a patologia. Curitiba: Juruá, 2013. p. 41-54.

BRANT, L. C.; MINAYO-GOMEZ, C. **Da tristeza à depressão**: a transformação de um mal-estar em adoecimento no trabalho. Interface (Botucatu), 12(26): 667-676, 2008.

MENDES, R. *Saúde/doença mental e trabalho: reflexões (contra hegemônicas) sobre algumas dimensões negligenciadas*. R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 04-26, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

Disponível na Internet: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300017 (Acesso em 31/8/2016)

BUCHANAN, I. A **Dictionary of Critical Theory**. New York: Oxford University Press, 2010.

CAMUS, A. **O Homem Revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014. [Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch]

CLOT, Y. **A Função Psicológica do Trabalho**. 2^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. [Tradução de Adail Sobral]

CULLETON, A. Pessoa. In: BARRETO, V. P. (Coord.). **Dicionário de Filosofia Política**. São Leopoldo: Unisinos, 2010. p. 390-393.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DALGALARRONDO, P. **Religião, Psicopatologia e Saúde Mental**. Artmed, Porto Alegre, 2008.

DEJOURS, C. **Trabalho e Emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012. [Tradução de Franck Soudant]

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário Teórico em Psicopatologia do Trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Eds.). **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994. p. 119-45.

DONKIN, R. **Sangue, Suor e Lágrimas: a evolução do trabalho** São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2003. [Tradução de Roger Maioli dos Santos].

DORTIER, J-F. **Dicionário de Ciências Humanas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. [Tradução coordenada por Márcia Valéria Martinez de Aguiar]

FONTES, F. F. A crítica à Psicanálise: um capítulo censurado? **Psicologia em Revista** (Belo Horizonte), 20(3): 446-459, 2014. Disponível na Internet: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/P.1678-9523.2014V20N3P446/8153> (Acesso em 31/8/2016)

FREUD, S. **Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GASDA, E. E. **Trabalho e Capitalismo Global: atualidade da doutrina social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2011.

GASDA, E. E. **Cristianismo e Economia: repensar o trabalho além do capitalismo**. São Paulo: Paulinas, 2014.

GLINA, D. M. R.; ROCHA, L. E. **Saúde Mental no Trabalho: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2010.

MENDES, R. *Saúde/doença mental e trabalho: reflexões (contra hegemônicas) sobre algumas dimensões negligenciadas*. R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 04-26, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

HAN, B-C. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015. [Tradução de Enio Paulo Giachini]

HUISMAN, D. **Dicionário de Obras Filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. [Tradução de Ivone Castilho Benedetti]

LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours: da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. [Tradução de Franck Soudant, Selma Lancman e Laerte Idal Sznelwar]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2004.

LEÃO, L. H. C.; BRANT, L. C. **Manifestações de sofrimento: dilemas e desafios para a vigilância em saúde do trabalhador**. *Physis Revista de Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro), 25(4); 1271-1292. Disponível na Internet: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n4/0103-7331-physis-25-04-01271.pdf> (Acesso em 31/8/2016)

LIMA, M. E. A. Esboço de uma crítica à especulação no campo da saúde mental e trabalho. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (Orgs.) – **Saúde Mental & Trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 50-81.

LOTUFO NETO, F.; LOTUFO JUNIOR, Z.; MARTINS, J. C. Influência da Religião sobre a Saúde Mental. **Esetec**, Santo André, 2009. Disponível na Internet: <http://www.amban.org.br/imagens/internas/Lotufo.pdf> (Acessado em 30/8/2016)

MERCURE, D.; SPURK, J. (Orgs.). **O Trabalho na História do Pensamento Ocidental**. Petrópolis: Vozes, 2005. [Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sônia Guimarães Taborda]

MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M.; MORAES, R. D. (Orgs.). **O Sujeito no Trabalho: entre a saúde e a patologia**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

MOLINIER, P. **O Trabalho e a Psique: uma introdução à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2013. [Tradução de Franck Soudant]

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. [Tradução de Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral] p. 578-580.

MORENO, J. L. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. Campinas: Livro Pleno, 1999. [Tradução de José Carlos Vitor Gomes]

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995. [Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva].

NIETZSCHE, F. **Fragmentos Póstumos, 1885-1887**- Volume VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. [Tradução de Marco Antônio Casanova]

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium A Alegria do Evangelho** (24 de novembro de 2013). São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Laborem Exercens Sobre o Trabalho Humano**. 4ª. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Centesimus Annus no Centenário da Rerum Novarum**. São Paulo: edições Loyola, 1991.

MENDES, R. *Saúde/doença mental e trabalho: reflexões (contra hegemônicas) sobre algumas dimensões negligenciadas*. R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 04-26, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

PAPA PAULO VI. **Exortação Apostólica *Gaudete in Domino* Sobre a Alegria Cristã.** (9 de maio de 1975). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19750509_gaudete-in-domino.html (Acessado em 30/8/2016)

PAYNE, M. (Org.). **Diccionario de Teoría Crítica y Estudios Culturales.** Buenos Aires: Paidós, 2002.

PELLAUER, D. *Compreender Ricoeur.* Petrópolis: Vozes, 2009. [Tradução de Marcus Penchel]

REALE, G. **O Saber dos Antigos: terapia para os tempos atuais.** 4ª. ed. [Tradução de Silvana Cobucci Leite]. São Paulo: edições Loyola, 2014. [Coleção Leituras Filosóficas].

REMES, O.; BRAYNE, C.; van der LIDE, R.; LAFORTUNE, L. A systematic review of reviews on the prevalence of anxiety disorders in adult populations. **Brain and Behavior**, DOI: 10.1002/brb3.497 (2015) – Open access, disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4951626/?tool=pubmed> e <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4951626/pdf/BRB3-6-e00497.pdf> (Acesso em 31/8/2016)

RICOEUR, P. **Da Interpretação:** ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

RICOEUR, P. **Leituras 2** – A Religião dos Filósofos. São Paulo: Edições Loyola, 1996a. [Tradução de Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário]

RICOEUR, P. **Leituras 3** – Nas Fronteiras da Filosofia. São Paulo: Edições Loyola, 1996b. [Tradução de Nicolás Nyimi Campanário]

RICOEUR, P. **Percursos do Reconhecimento.** São Paulo: Edições Loyola, 2006. [Tradução de Nicolás Nyimi Campanário]

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998. [Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira: Marco Antonio Coutinho Jorge]

SCHMIDT, M. L. G. *Saúde e Doença no Trabalho: uma perspectiva sociodramática.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SELLIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e Desgaste Mental:** o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

STEEL, Z.; MARMANE, C.; IRANPOUR, C.; CHEY, T.; JACKSON, J. W.; PATEL, V.; SILOVE, D. The global prevalence of common mental disorders: a systematic review and meta-analysis 1980-2013. **International Journal of Epidemiology**, 43(2): 476-493, 2014. Published online DOI 10.1093/ije/dyu038. Disponível na Internet: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3997379/> (Acesso em 31/8/2016)

WEBER, M. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004. [Tradução de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição

MENDES, R. *Saúde/doença mental e trabalho: reflexões (contra hegemônicas) sobre algumas dimensões negligenciadas.* R. Laborativa, v. 6, n. 1 (especial), p. 04-26, abr./2017. <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>

de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo de Antônio Flávio Pierucci]

WEBSTER'S **Dictionary of Word Origins**. New York: Smithmark Publishers, 1995. p. 158

ZEPEDA, J. J. L. **Secularização ou Ressacralização?** O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25(73):129-141, 2010.

Notas

¹ Ver http://www.who.int/mental_health/SDGs/en/

² (I Co. 12, 26),

³ Uma boa discussão sobre os conceitos e entendimentos diversos da ideia de niilismo (do latim *nihil*, nada), pode ser encontrada (entre outros lugares), no sítio eletrônico http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12698

⁴ Termo criado em 1907, pelo psiquiatra suíço Doumeng Bezzola (1868-1936) (Roudinesco e Plon, 1998)

⁵ Informação obtida no site <http://psicossintese.org.br/index.php/roberto-assagioli/> (Acessado em 30/8/2016)

⁶ "Desecularização" na proposta de Martelli (1999), citado por Zepeda (2010).

⁷ Ver PAYNE (2002) e BUCHANAN (2010).

⁸ Alegria e esperança.

⁹ Acessível na Internet:

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html

¹⁰ Escrito em Inglês, com o sugestivo título Postmodernity and its discontents...

¹¹ Ver Atos dos Apóstolos, 17: 16-34.

Artigo apresentado em: 01/09/2016

Aprovado em: 30/10/2016

Versão final apresentada em: 07/01/2017